



TEATRO DO OPRIMIDO: A ARTE NA LUTA PELA DEMOCRATIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DE COMUNICAÇÃO

Brenda Luara dos Santos de Souza¹
Rita Beraguas de Lima²

INTRODUÇÃO

Entendendo o Teatro do Oprimido como manifestação artística das problemáticas do dia-à-dia, o presente estudo pretende apreender como ele contribui na luta pela democratização dos espaços de comunicação através da arte. Mais especificamente, tratar de como o uso da arte, baseada no real e no sensível, pode contribuir no fortalecimento do oprimido em sua recorrente luta contra a opressão, investigando através de pesquisa bibliográfica o papel da arte na democratização da comunicação. Espera-se que estudo possa fomentar novas discussões que tratam da importância da democratização da arte, valorizando-a como a grande arma político-pedagógica que é. Foi enfatizada a proposta dada por Augusto Boal do Teatro do Oprimido, como um teatro para atores e não atores, de invasão e (re)significação do teatro e do cotidiano.

METODOLOGIA

Com fins na resolução da questão-problema de que trata este estudo, bem como no alcance dos objetivos propostos, utilizou-se da análise documental e bibliográfica de trabalhos que versassem sobre arte e teatro do oprimido enquanto instrumento político-pedagógico, com a finalidade de buscar dados sobre a contribuição do Teatro de Oprimido na luta pela democratização da arte e da comunicação.

1 Especialista em Gestão Estratégica na Área Social pela Faculdade Educacional da Lapa. Bacharelado em Psicologia pela Faculdade Mauricio de Nassau. Coordena o Grupo de Trabalho Psicologia e Políticas de Assistência Social vinculado ao Conselho Regional de Psicologia – 3ª Região (GTPPAS-CRP03). Endereço eletrônico: brendaramona@gmail.com

2 Especialista em Libras pela Universidade Cândido Mendes. Bacharel em Psicologia pela Faculdade Mauricio de Nassau. Endereço eletrônico: beraguas@gmail.com



Tendo por base *A Estética do Oprimido* de Augusto Boal (2009) e *A Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire (1987), entendidos como bibliografias fundamentais para qualificar esse estudo. Contemplando também estudos de outros teóricos pesquisadores, como Canda (2012), Oliveira (2016) e Pereira & Pereira (s. d.) que produziram trabalhos significativos nessa área.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Paulo Freire (1987), a superação da convivência do oprimido com o regime opressor, deve ser coletiva, através de empenho na ação e reflexão, em um diálogo crítico que supõe ação “qualquer que seja o grau em que esteja a luta por sua libertação” (p 29). O autor destaca que a defesa do esforço permanente sobre a situação cotidiana do oprimido não engloba uma defesa em nível puramente intelectual, ao contrário, uma real reflexão conduz à prática. E que ação não resultante de uma reflexão crítica, é um tipo de simples ativismo. Dessa forma, deve-se entender “ação e reflexão, como unidade que não deve ser dicotomizada” (Idem, p 30).

Cabe frisar, que é preciso acreditar nas pessoas oprimidas e valorizar os seus conteúdos intelectuais. Caso contrário a comunicação, o diálogo e a reflexão, tornam-se depósitos, os excluindo de sua própria luta, atendo-se não a uma “propaganda libertadora” depositante de uma crença de liberdade, mas em um diálogo conjunto, reflexivo. Deste modo, Freire (1987, p. 30) traz, não podemos esquecer que a libertação dos oprimidos é libertação de homens e não de “coisas”. Por isto, se não é autolibertação – ninguém se liberta sozinho, também não é libertação de uns feita por outros.

Em outras palavras, é indispensável o protagonismo do oprimido enquanto sujeito e não em quanto objeto no processo de entendimento da necessidade de lutas. Respeitando-os como atores de sua própria realidade, devem ser atores da luta pela melhoria da mesma.

A ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, “ação cultural” para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles. A sua dependência emocional, fruto da situação concreta de dominação em que se acham e que gera também a sua visão inautêntica do mundo, não pode ser aproveitada a não ser pelo opressor, este é que se serve desta dependência para criar mais dependência (FREIRE, 1987, p 30).



Nesse contexto, o Teatro do Oprimido é pensado como meio de democratizar a arte e a comunicação, de experienciar e se entender como oprimido. Este método teatral foi elaborado nos anos 70, por Augusto Boal, teatrólogo brasileiro. Nesse viés, o teatro é posto como uma ferramenta para a revolução, através da democratização do teatro e o uso dele como ferramenta política, partindo do princípio de que todos podem fazer teatro, não apenas a grande indústria da arte, nem apenas atores e atrizes (OLIVEIRA & CUNHA, 2016).

*Sinto sincero respeito
por todos aqueles artistas
que dedicam suas vidas
à sua arte – é seu direito ou
condição. Mas prefiro aqueles
que dedicam sua arte à vida
(BOAL, 2009, p 5).*

Desta forma, para Boal (2009, p 138), “o ser humano é ser artista e ser artista é ser humano”, ou seja, “arte é vocação humana, é o que de mais humano existe no ser”. Para ele, a arte pertence a todos, portanto, “não pode se tornar propriedade de poucos artistas, e estes, propriedade do monarca” (BOAL, 2009, p. 138). Portanto, ao serem avassalados pelos monarcas econômicos, os profissionais não devem se iludir pensando que conservam sua liberdade de criação: como assalariados, devem obedecer regras estabelecidas pelas empresas que os contratam e controlam. Convém assim observar que, os moldes de elitização da arte e do teatro, limitam a arte e, concomitantemente, a vivência humana, mas a “Arte e Estética são instrumentos de libertação” (BOAS, 2009, p 19). Cabe citar, “Nós, com a Estética do Oprimido, buscamos a nossa verdade: uma Arte Pedagógica inserida na realidade política e social, e dela parte!” (Idem, p 32).

Nesse percurso, é possível destacar que as classes opressoras perpetuam a sua dominação através do monopólio da palavra (jornais, tribunas, escolas), da imagem (fotos, cinema, televisão), do som (rádio, CDs, shows musicais), reproduzindo cotidianamente uma “estética anestésica” (BOAL, 2009, p 18). Utilizando-se da arte, da cultura e dos meios de comunicação em massa, para conquistar e manipular o oprimido. A vontade de Augusto Boal, através do Teatro do Oprimido, versa sobre a utilização do teatro como um instrumento libertador de ações e visões, além de espaço de democratização dos espaços de informação e comunicação, os meios e espaços da palavra, imagem e do som, devem ser ocupados pelos oprimidos (BOAL, 2009).

Palavra, imagem e som, que hoje são canais de opressão, devem ser



usados pelos oprimidos como formas de rebeldia e ação, não passiva contemplação absorta. Não basta consumir cultura: é necessário produzi-la. Não basta gozar arte: necessário é ser artista! Não basta produzir ideias: necessário é transformá-las em atos sociais, concretos e continuados (BOAL, 2009, p 19).

Sendo assim, ainda acerca do Teatro do Oprimido, Canda (2012) conceitua o como um meio que busca estimular indignação e a atitude questionadora perante as injustiças e as opressões sociais e Pereira & Pereira (s. d.), é concorde ao afirmar este papel de (re) leitura da realidade e possibilidades de participação, uma experiência com aprendizagens surdos de uma instituição da rede pública de ensino que o leva a concluir

Pensar o Teatro como mecanismo de indagação/contestação de sujeitos surdos cuja história é marcada pelo estigma do conceito clínico/patológico de deficiência; cuja língua é relegada a uma posição de inferioridade colocando em dúvida sua complexidade de sentidos e eficácia para comunicação; cujos elementos culturais decorrentes estruturalmente por sua diferença linguística é questionada; parece-me aqui objeto cortante capaz de irromper por entre as brechas de um sistema fechado em seu ideal de construção/manutenção de uma sociedade homogeneizada. (PEREIRA & PEREIRA, s. d.)

Nesse enredo, o poder da arte é revelar, tornar sensíveis e conscientes rituais teatrais cotidianos, espetáculos que nos passam despercebidos, embora sejam potentes formas de dominação. (BOAL, 2009). O que torna necessário, “criar nossa própria cultura, sem servidão àquelas que nos são impostas, *é ato político e não apenas estético; ato estético, não apenas político*” (Idem, p 36 [grifo do autor]). Em outras palavras, é preciso inventar e produzir arte fora e longe de seus grandes latifúndios e latifundiários, e mesmo *ocupar, produzir e resistir*³ quando possível. Trata-se, portanto, de transformar em teatro todos os locais, grandes ou pequenos, no campo e na cidade, onde vivem e trabalham homens e mulheres: teatro é o mundo, e seus atores são a sociedade (BOAL, 2009).

CONCLUSÃO

Neste trabalho foi abordado a temática da arte como meio de democratização

3 Mencionar latifundiários pede-se delinear a oposição ao termo, *ocupar, resistir e produzir*, as três bandeiras do MST cabem bem no que se esforça em ser tentado aqui



da comunicação, utilizando os conceitos e conhecimentos do teatro do oprimido como base, concluindo que a arte é uma manifestação humana e é através dela que as ideias e sensações humanas são representadas, todavia, uma classe utiliza-se dela para manter sua dominação sobre outra classe. Dessa forma, o teatro do oprimido e sua expressão fundamentalmente do real e do cotidiano problematiza a relação oprimido-opressor; desde sua fundamentação até a sua produção, também ao dar destaque que a arte como puro entretenimento é usada para alienar e manipular sujeitos. É dever do artista do sensível, o artista político, ocupar e desmascarar o latifúndio da arte do entretenimento, distribuí-lo em lotes para a vida humana, que é puramente artista, porém se perde no monopólio do espetáculo que reduz a arte e sua função na vida humana.

Palavras-chave: Arte. Teatro do oprimido. Democratização da comunicação.

REFERÊNCIAS

BOAL, A. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

CANDA, CN. Paulo Freire e Augusto Boal: diálogos entre educação e teatro. Rio Grande do Norte: **Holos**, v. 4, ano 28, p. 195- 205, 2012. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/setembro2012/arte_artigos/dialogos_entre_educacao_e_teatro.pdf. Acesso em: abril 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

OLIVEIRA, SR; CUNHA, FP. da. Teatro do Oprimido e teatralidade: os lugares da teatralidade nas cenas teatrais e cotidianas, São Paulo: **Conceição/Concept**, v. 5, n. 1, p. 70-81, 2016. Disponível em: <http://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/ppgac/article/view/442/414>. Acesso em: Abril 2017.

PEREIRA, ASS; PEREIRA, RO. Reversão da cultura do silêncio: surdez, autonomia e contracultura. Paraíba: IV Congresso Internacional de Educação e Inclusão, Universidade Estadual da Paraíba, Disponível em: http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade_1datahora_10_11_2014_14_01_02_idinscrito_4746_6446f96a2454341ce445bfa84ab36403.pdf. Acesso em: abril 2017.